

Missão CELAM

217246 | 13 FEV-MAR-ABR 2023

Balço da Fase Continental do
Sínodo na América Latina e no Caribe

Sinodalidade:
um jeito de
ser Igreja



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO

Mons. Miguel Cabrejos Vidarte, OFM
Presidente

Card. Odilo Pedro Scherer
Primeiro Vice-Presidente

Card. Leopoldo José Brenes
Segundo Vice-Presidente

Mons. Rogelio Cabrera López
Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos

Mons. Jorge Eduardo Lozano
Secretário Geral

Direção editorial: José Beltrán, Óscar Elizalde.

Textos: Rubén Cruz, Ángel Morillo.

Grafismo: Amparo Hernández, Milton Ruiz, Carolina Henao y Giovanny Pinzón e Inmaculada Brigidano.

Fotografia: Archivo Vida Nueva, CELAM, REPAM e REPAM-Brasil.

Edição: PPC.

Impressão: Jomagar.

Todos os conteúdos são elaborados pela Vida Nueva e pelo Centro de Comunicação do CELAM.

Sumario



4 Na capa
Somos todos corresponsáveis
Povo de Deus e sinodalidade



10 Atualidade
“Unidos ao Papa, rezamos pela paz”
Diálogo, perdão e reconciliação
A Igreja tem rosto de mulher



13 Queridíssima Amazônia
'O Milagre' chega à Amazônia



14 Rostos e Vozes
Valeria López Subsecretária da
Conferência Episcopal do Chile



16 Os últimos, os primeiros
O imparável Amador Pérez

Editorial

UMA IGREJA QUE OUÇA A TODOS

Em 10 de março, foram concluídas as assembleias regionais do Sínodo da Sinodalidade na América Latina e no Caribe, que, incentivadas pelo Celam, começaram em 13 de fevereiro. O itinerário consistiu em quatro encontros — nos quais participaram 415 delegados: América Central e México, Caribe, Região Andina e Cone Sul.

O resultado desta caminhada conjunta levou à síntese enviada a Roma para o Secretariado do Sínodo preparar o Instrumentum laboris, que deverá estar pronto para o Pentecostes, depois de uma equipa principal passar uma semana em conclave praticando conversação espiritual — a que todos estão convidados para falar aberta e honestamente sobre o que estão descobrindo no desenvolvimento da vida e da fé — para discernir qual documento-quadro será levado à primeira fase mundial do Sínodo da Sinodalidade, que acontecerá em outubro no Vaticano. Ainda assim,

a experiência vai além dos documentos, pois o que realmente importa é o impacto da sinodalidade, ou seja, escuta, parrésia, liberdade de expressão, comunhão, solidariedade, proximidade e empoderamento que estamos vivenciando ao longo deste caminho como Igreja em América Latina e Caribe.

Este processo sinodal mostra mais uma vez que é possível caminhar com Cristo no centro e deixar-nos guiar pelo Espírito de Deus. Por isso, é importante que no processo sinodal se tenha a audácia de trazer à tona e discernir questões muitas vezes esquecidas ou relegadas. Trata-se de caminhar juntos em uma Igreja sinodal que escuta todos os tipos de exilados para que se sintam em casa, uma Igreja que é refúgio para os feridos e destroçados, o que implica sair ao encontro, dar atenção, envolver-se. Porque sinodalidade significa não esperar que as pessoas venham, mas sair ao seu encontro.



Escola de sinodalidade

Mons. MIGUEL CABREJOS VIDARTE, OFM, PRESIDENTE DEL CELAM

O Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), como organização de comunhão, reflexão, colaboração e serviço à Igreja, continua profundamente comprometido com a animação e acompanhamento das conferências episcopais da América Latina e do Caribe no processo do Sínodo da Sinodalidade 2021-2024, cuja fase continental concluímos em 31 de março. Dado o firme desejo de tornar possível uma Igreja de

comunhão, participação e missão, já há algum tempo, e com base nas lições aprendidas na Primeira Assembleia Eclesial para a América Latina e Caribe, demos passos significativos na realização de encontros, criação de materiais educativos e audiovisuais, a publicação de conteúdos formativos e a organização de diversos espaços, tanto virtuais como presenciais, que nos ajudem a compreender os ensinamentos e orientações do Papa Francisco

para “caminharmos juntos” como Igreja do Povo de Deus.

Hoje sentimos que estamos avançando em nosso compromisso por uma Igreja sinodal que chega às periferias de nosso continente e como uma escola de sinodalidade, onde todos aprendemos de todos, na escuta, no discernimento e na oração compartilhada. De modo especial, o método da conversação espiritual nos permitiu assumir a sinodalidade na espiritualidade, assim como em vários âmbitos da vida eclesial. Prova disso foram as quatro Assembleias Regionais que realizamos entre fevereiro e março de 2023 para a fase continental do Sínodo da América Latina e Caribe, em San Salvador (El Salvador), para a região América Central-México; Santo Domingo (República Dominicana), para a região do Caribe; Quito (Equador), para a região bolivariana; e Brasília

(Brasil), para a região do Cone Sul. Nessas assembleias, mais de 400 irmãos e irmãs de todos os países do nosso continente, inclusive das periferias, compartilharam da experiência de escuta, discernimento e oração de suas comunidades. Suas valiosas contribuições foram posteriormente acolhidas na preparação do documento de síntese que foi enviado à Secretaria Geral do Sínodo e publicado — em vários idiomas — no site do Celam. Como Igreja latino-americana e caribenha continuamos a “caminhar juntos”, assumindo esta nova forma de ser Igreja sinodal e ampliando nossa tenda, abrindo-nos ao transbordar do Espírito, porque sabemos que “é possível caminhar com Cristo no centro e deixar-nos guiar pelo Espírito de Deus”, e “cresce a esperança de viver um novo tempo para a Igreja”, afirma a nossa síntese continental.



Participantes da Assembleia Regional da América Central e México

Somos todos corresponsáveis

AS VOZES DA ETAPA CONTINENTAL DO SÍNODO FAZEM UM BALANÇO DO QUE FOI VIVIDO

PE. LUIS MIGUEL MODINO – PAOLA CALDERÓN GÓMEZ
CENTRO DE COMUNICAÇÃO DO CELAM

Um tempo que “é uma verdadeira chuva de graças do Espírito Santo”. A afirmação é de Dom **Aman-cio Benítez** em relação ao atual Sínodo e sua Fase Continental, encerrada em 31 de março. Depois de mais de um ano de trabalho conjunto em todos os níveis do Povo de Deus, foi dada uma contribuição da região da América Latina e do Caribe, assim como nas outras seis regiões, com vista à preparação do Instrumento de Trabalho da Assembleia Sinodal em outubro.

GRANDE COMPROMISSO DOS LEIGOS

Os leigos têm demonstrado grande empenho neste processo, insiste o secretário geral da Conferência Episcopal Paraguaiá, e cada vez mais leigos conduzem a pastoral e realizam a vida da Igreja, sendo “uma Igreja que já experimenta participação, missão e ouvindo”. Também em vista da inculturação do Evangelho entre os povos originários, ajudando a preservar sua cultura, língua e tradições, assim como seus territórios, de onde

são expulsos. Todo este processo sinodal ajuda a avaliar o caminho da Igreja nos diversos países da América Latina e do Caribe, como o Uruguai, que “tem uma história de pastoral conjunta imediatamente após o Concílio, uma pastoral planejada”, afirma Dom **Heriberto Bodeant**, para quem “quando se fala em participação, estamos falando em consultar o Povo de Deus sobre o rumo que uma diocese deve seguir na missão da Igreja, a busca de objetivos, diagnósticos, prioridades, planos concretos para responder os desafios da realidade”, que agora está a ser recuperado.

Na Etapa Continental, destaca-se a importância do método do diálogo espiritual, “uma metodologia simples de entender e aplicar, mas pelo contrário o resultado é surpreendente, o clima que se consegue quando é abordado de forma adequada e que permite o consenso, deixando-nos ser guiados pelo Espírito”, destaca o prelado uruguaio, que inclusive o vê como “uma necessidade em uma Igreja que em parte sente um certo envelhecimento, onde é necessário encontrar uma maneira de compartilhar e participar muito mais da missão do que em outros tempos”.

UM LONGO PROCESSO

Uma sinodalidade que “é um longo processo”, destacou Dom **Sergio Pérez de Arce**, que chama a recuperar “a experiência do Povo de Deus onde todos somos corresponsáveis”, o que exige paciência e conversação constante, em busca de “viver uma Igreja mais corresponsável a serviço da missão”, que leva a progredir “no discernimento compartilhado e na responsabilidade, onde nós, que guiamos as comunidades, somos capazes de integrar a participação de todo o Povo de Deus”.

O secretário do Episcopado chileno não hesita em apelar à “mudança na forma de fazer as coisas”, para o que é importante “escutar, partilhar a vida com os irmãos, com os outros cristãos, não ter medo e vencer a desconfiança”. Para isso, apela a “recuperar a essencial fraternidade, reconhecendo os diferentes carismas e ministérios que temos”, sendo chamados “a caminhar na confiança recíproca e na co-responsabilidade na mesma missão”. Isto com a presença de mulheres, que “contribuem para os espaços e estruturas que ocupam, uma atitude e sentimentos diferentes dos homens, que muito nos fazem bem”. O que se buscam são “relações mais evangélicas, de respeito recíproco, de confiança recíproca, de corresponsabilidade na vida da Igreja”, o que exige mais estruturas sinodais.

Nesta Etapa Continental, América Latina e Caribe “é a primeira região que, a partir de 1955, começou a

SERGIO PÉREZ DE ARCE: “DEVEMOS MUDAR A MANEIRA DE FAZER AS COISAS, PARA ISSO DEVEMOS SUPERAR A DESCONFIANÇA COM OUTROS CRISTÃOS”

buscar vínculos entre dioceses, bispos e conferências episcopais”, segundo **Carlos Galli**, que destaca que “essa experiência de caminhar juntos neste Sínodo da Igreja Sinodal nos acolhe com uma tradição histórica de intercâmbio entre as Igrejas, como foi feito nas conferências gerais do Episcopado latino-americano, a última em Aparecida”. Junto a isso, destaca-se nos últimos anos o fato de criar a Conferência Eclesial da Amazônia, reestruturar o Celam e realizar a Primeira Assembleia Eclesial do Povo de Deus no continente.

O teólogo argentino destaca a importância do fato de o Celam ter realizado quatro assembleias regionais para realizar a Etapa Continental, “onde se pôde expressar a diversidade dos membros do Povo de Deus organizados nos 22 episcopados”, destacando o fato de que “todos Eles souberam falar de igual para igual, tentando ouvir os movimentos que o Espírito fazia em seus corações e com um método que ajudou todos a participar, todos podem expressar sua voz”. Isso se deve ao fato de que “**Jorge Mario Bergoglio** vem da Igreja latino-americana, que tem uma rica experiência de caminho, que hoje chamáramos sinodal, também colegial, desde o Vaticano II, de Medellín a Aparecida”.

UMA MUDANÇA DE MENTALIDADES E ESTRUTURAS

Uma sinodalidade que “é um desafio porque é um modelo que implica criar toda uma institucionalidade e ao mesmo tempo adaptar o que existe na medida do possível e, por outra parte, deixar estruturas que hoje não são mais sinodais”, afirma **Rafael Luciani**. Isto “implicará uma mudança de mentalidade daqueles que se formaram numa visão diferente da Igreja” e, junto com isso, como Igreja “a construção de um novo modelo institucional”, que leva a “reconhecer a eclesiologia do Povo de Deus na *Lumen gentium*, como eixo fundamental de toda a vida eclesial”.

É, portanto, uma teologia que deve estar ligada à pastoral, promovendo a formação teológica dos leigos, caminhando como processo e não apenas como acontecimentos, como uma Igreja que escuta para aprender, “na qual se tem medo quando se fala, quando as propostas são feitas, desde a igual dignidade batismal”, afirma Luciani, que insiste que “temos o direito e também o dever de exigir mudanças da Igreja, porque a Igreja não é algo fora de nossa vida como fiéis na →

→ Igreja”. Por isso defende que “se o Povo de Deus, que somos todos e todas, trabalhar em conjunto à mesma mesa, olhando-se face a face, a elaboração das decisões caberá às pessoas que as tomam, mas tendo participado o processo”.

Nesta Etapa Continental, a vida religiosa teve um papel de destaque, o que nas palavras da Ir. **Daniela Cannavina** tem que levar a “buscar os processos de renovação, de mudança, e aqueles que, de alguma forma, possam favorecer a mudança de uma estrutura que nos impede de ser uma vida religiosa mais de acordo com os tempos”, querendo descobrir “o que são essas novas janelas que devem ser abertas, que nos orientam para uma outra forma de ser vida religiosa, paralelamente a como falamos de uma outra forma de ser Igreja”, que tem a ver com as estruturas e que leva a “responder de maneira diferente à realidade atual”.

Uma Etapa Continental que tem dado muito destaque à liderança feminina, tema que a secretária-geral da CLAR lembra que “já estava instalado no Sínodo para a Amazônia”, embora esteja avançando lentamente, o que não impede que apareça “em todas as reuniões, em todos os documentos, inclusive na Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe. Realmente é um grito expresso e já são necessárias algumas respostas”, reclamando a presença das mulheres “também no espaço da governação”.

UM MATERIAL PRECIOSO E EXTENSO

Foi “uma etapa importante no processo sinodal”, destaca o padre **Agenor Brighenti**, deixando claro “que há um compromisso muito próximo com a renovação do Concílio, um compromisso muito explícito também com a tradição eclesial latino-americana, igrejas que vivenciam um processo sinodal desde a Primeira Assembleia da Igreja e que também estiveram em sintonia com o Sínodo para a Amazônia”. O resultado tem sido “um material precioso e extenso”, com uma metodologia surpreendente, especialmente a “aqueles que nunca foram ouvidos, que tiveram pouco espaço, que por vezes foram distanciados, que foram colocados à margem das comunidades”. Uma fase que revelou a “consciência de fazer do Batismo a fonte da vida eclesial”, de “superar qualquer tipo de relação vertical na Igreja”, de “multiplicar os ministérios, sobretudo para

AGENOR BRIGHENTI: “HÁ UM COMPROMISSO MUITO ESTREITO DO PROCESSO SINODAL COM A RENOVAÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II”



Participantes da Assembleia Regional do Caribe (acima destas linhas) e um dos grupos de diálogo espiritual (à esquerda).



que as mulheres tenham acesso aos ministérios”, algo que, sendo difícil, responde “às necessidades das nossas comunidades”. Isso em uma Igreja “com muita liberdade para ouvir, para dizer, para buscar a harmonia com o outro, mesmo que não estejam de acordo”.

UMA PEREGRINAÇÃO ECLESIAL SINODAL

Analisando a Etapa Continental, Dom **Miguel Cabrejos** insiste que “o sentimento de todas as pessoas é que estão realmente e verdadeiramente vivendo um kairós, um tempo de graça, guiado pelo Espírito de Deus”, que na América Latina e Caribe se materializou em “uma peregrinação eclesial sinodal” nos quatro encontros regionais, onde “esteve representado o povo de Deus em pequena escala”, numa experiência que “foi sinodal”. “Caminhamos juntos, sentimos juntos, ouvimos juntos opiniões, preocupações e também contribuições, tem sido um verdadeiro caminhar juntos,

sinodal”, disse, destacando que “houve um verdadeiro espírito de comunhão”.

Um processo que “tem sido desenvolvido em ambiente espiritual”, ao qual tem ajudado muito “o método da conversa espiritual”, que “permite a todos ouvir o que Deus quer para a sua Igreja”, insiste o presidente do Celam. A partir daí, ele destaca que “uma nova maneira de ser Igreja sinodal está sendo implementada, está sendo acentuada”.

O SÍNODO DE TODA A IGREJA

Estamos vivendo “o Sínodo de toda a Igreja, do Povo de Deus participante. Os sujeitos, os atores, não são apenas os bispos, mas o Povo de Deus que é sujeito da Igreja”, segundo o padre **Giacomo Costa**. O jesuíta italiano vê como interessante na Etapa Continental “o diálogo entre as Igrejas com a Igreja universal”, e junto com isso, que é algo bastante novo, que “cada continente fez algo diferente”, vendo as comunidades de discernimento como expressão de que “o Povo de Deus não está de um lado e os bispos de outro, e esta capacidade de falar juntos é essencial para voltar a entender um modo de ser e de caminhar como Igreja”.

São conversas que os bispos veem como “uma ajuda muito importante, que não diminui seu ministério como bispos, mas o enriquece, aprofunda e toma as decisões que são fruto de reflexões de diferentes partes”, segundo o padre Costa.

Na mesma linha, Dom **Luis Marín de San Martín** vê esta Etapa como “particularmente inovadora”, que segundo o subsecretário da Secretaria Geral do Sínodo “nos abre à pluralidade da Igreja”, já que “o uniformismo, além de empobrecedor, não é cristão. Devemos também permitir que a variedade cultural enriqueça toda a Igreja”, apesar de haver quem “tenha dificuldade em admitir a pluralidade, a diferença”, que “traz pobreza espiritual”. A partir daí, não hesita em afirmar que “o atual modelo ocidental não é de forma alguma o único, nem devemos tentar impô-lo em todas as latitudes”. Uma fase que através do discernimento comunitário levou a “colocarnos numa atitude de escuta profunda do outro, procurando compreender o que ele quer transmitir, sem julgá-lo. Para então buscar um terreno comum e discernir o que Deus especificamente quer de nós”. É uma questão de não agir com ideias preconcebidas, de se deixar surpreender, de não ter a mente e o coração bloqueados, de não cair na tentação de “pensar que sabe tudo e não precisar aprender com ninguém”. Não podemos esquecer a necessidade de “ser protagonistas na Igreja, todos”, de “reconhecer a dignidade dos batizados de todo o Povo de Deus, cada um segundo a sua vocação”. Por isso, insiste que “o testemunho cristão, se for autêntico, é sempre entusiástico”, visto que “a fé cristã não se baseia principalmente em princípios, normas ou ideias, mas na experiência do Senhor ressuscitado”, evitando cair “na tentação do pessimismo e da amargura”, sublinhou.



Mons. Miguel Cabrejos
PRESIDENTE DEL CELAM

Povo de Deus e sinodalidade

A grande mudança ocorrida na eclesiologia durante o Concílio Vaticano II nasceu da incorporação da categoria de Povo de Deus, que “permite afirmar, ao mesmo tempo, a igualdade de todos os fiéis na dignidade da existência cristã e na vida orgânica ou desigualdade funcional dos membros”.

Em consequência, os padres conciliares optaram por reconhecer a participação de todos os membros do Povo de Deus na Tria Munera (tríplice múnus) de Cristo: sacerdote, profeta e rei — santificar, ensinar e governar —, estabelecendo assim a igualdade de todos através da dignidade batismal como critério estruturante para a configuração da identidade de todos os sujeitos eclesiais. Desta forma, a eclesiologia pré-conciliar foi superada.

O QUE FICA

Não surpreendentemente, um padre conciliar tinha declarado que “deve-se notar que o poder hierárquico é apenas algo transitório. (...) O que é permanente é o Povo de Deus; o temporário é o serviço hierárquico”, cuja condição é histórica e temporal. O permanente é o que o define e qualifica, e não o transitório.

Situar-se no Povo de Deus implicava um modo de proceder eclesial que dava primazia ao todo (Povo de Deus) sobre as partes. Nesse sentido, os sujeitos eclesiais — pastores, clérigos, religiosos, leigos — foram definidos a partir da dignidade batismal compartilhada e da participação de todos no sacerdócio comum. Na Lumen gentium escolheram distinguir entre o permanente, que se radica na única vocação cristã, e o transitório ou temporário, que corresponde às funções, papéis ou serviços para realizar a missão da Igreja no mundo.

O espírito dos textos conciliares lança o desafio de pôr em prática uma nova hermenêutica inspirada na lógica do todo, ou seja, da Igreja como totalidade orgânica de fiéis, em cuja interação contínua e recí-

proca se tornam pouco a pouco o Povo de Deus, incluindo o colégio episcopal e o sucessor de Pedro. Todos eles, porém, em uma ordem específica: primeiro o Povo de Deus (todos), depois os bispos (alguns) e, por fim, o Bispo de Roma (um).

Devemos ter presente que não se trata de três sujeitos eclesiais. O Povo de Deus, enquanto exprime a totalidade dos fiéis nas suas relações e dinâmicas comunicativas permanentes, é o único sujeito ativo e fundamental de toda a ação e missão da Igreja: ter



Vários dos participantes da Assembleia Regional dos países bolivarianos, realizada em Quito

voltado a descobrir o Povo de Deus como um todo, como uma totalidade, conduz, por conseguinte, à corresponsabilidade que deriva para cada um dos seus membros.

A noção de Povo de Deus concebido como um todo orgânico expressa, portanto, o caráter vinculante que emerge do próprio processo de constituição das identidades dos sujeitos eclesiais. A novidade conciliar não pode ser reduzida a uma simples definição do que cada sujeito eclesial é em si mesmo e o que pode contribuir para os demais, porque cada um existe e se vai constituindo no dar-se e completar-se reciprocamente. A nova mudança eclesiológica assumida pelos padres conciliares tem implicações no ministério hierárquico. No entanto, o vínculo com a comunidade de fiéis não é algo novo na Igreja. Já no século III, o exercício episcopal de São Cipriano, bispo de Cartago, testemunha o carácter vinculativo de toda a comunidade eclesial.

Yves Congar havia escrito que “o plano total de Deus não se esgota no princípio hierárquico, mas

supõe o complemento e a reciprocidade de um regime comunitário, dependendo de ambos a plenitude final”. “O que vem primeiro é o Povo de Deus.”

A Igreja, vista desde o batismo e não mais desde a hierarquia, aparece assim desde o início como uma realidade sacramental e mística antes de ser uma sociedade jurídica. O bispo (...) deve voltar a situar-se no Povo de Deus que lhe foi confiado: estar ainda mais próximo do seu clero e dos seus fiéis. A viragem hermenêutica da eclesiologia do Povo de Deus supõe uma nova compreensão do modo como se configuram as identidades dos sujeitos eclesiais.

EM TODOS OS NÍVEIS

Nesse sentido, fica claro que o Papa Francisco foi verdadeiramente inspirado pelo Espírito quando decidiu que este Sínodo não deveria ser como os outros, mas deveria ser celebrado em todos os níveis, e isso permite contextualizar a questão da sinodalidade em todos os níveis em que se expressa o Povo de Deus, começando pelas famílias, pequenas comunidades cristãs, lugares de missão, paróquias, dioceses, províncias eclesiais, Igrejas nacionais, Igrejas continentais e Igreja universal.

Em cada nível, a sinodalidade deve ser adaptada a um contexto específico, desde que seja situada no contexto da comunhão, da participação e da missão. Somos um, trabalhamos juntos e estamos em missão permanente, enviados por Cristo, como afirma a Igreja local de Bamenda (Camarões): “Para que Deus aja, cada homem deve colocar suas mãos.”

Muitas pessoas costumam dizer que “o futuro da Igreja está na América Latina”. Não sei se nós, latino-americanos, sentimos isso, mas o que podemos afirmar é que a sinodalidade em nível continental deu à América Latina e ao Caribe a oportunidade de enriquecer a sua própria identidade como Igreja, contextualizar a sinodalidade na Igreja e tornar sinodalidade uma realidade verdadeiramente autêntica na vida cotidiana da sua Igreja.

Isso significa que, enquanto esperamos a celebração do Sínodo da Sinodalidade a nível da Igreja universal, foi muito importante levar o nível continental tão a sério como se fosse o fim. Este tem sido um ponto chave para o nosso continente, pois as Assembleias Regionais que celebramos durante a fase continental tornaram-se uma oportunidade para assumirmos a nossa responsabilidade de dar sentido à nossa Igreja latino-americana e caribenha hoje e amanhã.

“Unidos ao Papa, rezamos pela paz”

UMA CAMPANHA DE COMUNICAÇÃO INUNDOU, DESDE O INÍCIO DE MARÇO, AS RUAS DAS PRINCIPAIS CIDADES DO CONTINENTE COM A IMAGEM DE FRANCISCO PELOS DEZ ANOS DE PONTIFICADO

OSCAR ELIZALDE PRADA
DIRETOR DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO DO CELAM

“Para o catolicismo, a paz é a paz social.” Nestes termos, e sem hesitar, **Emilce Cuda** resumiu seu discurso no Congresso Latino-Americano e Caribenho A Igreja a serviço da paz, realizado em Bogotá de 29 a 31 de março. Para o teólogo argentino e secretário da Pontifícia Comissão para a América Latina (PCAL), “quem mais quer a paz são os pobres, os descartados, os trabalhadores sem trabalho”, e são precisamente eles que “quiseram expressar o seu amor pelo Papa, o seu reconhecimento e toda a esperança que nele depositam”, através de uma campanha de âmbito internacional, que lhes permitisse ‘transmitir’ o seu afeto e proximidade ao primeiro pontífice latino-americano, por ocasião do décimo aniversário da sua eleição.

Emilce refere-se à campanha de comunicação *Unidos com o Papa, rezamos pela paz*, que, sob o formato ATL — como é conhecido no mundo da publicidade —, inundou as principais ruas de algumas das grandes cidades do

continente desde o início de março. A campanha também chegou a Portugal.

No total, foram intervencionados 221 pontos de contacto em 12 países, através de grandes outdoors que foram dispostos ao longo das principais vias rodoviárias, estações ferroviárias, portos fluviais e aeroportos, transmitindo a mesma mensagem de unidade com o Papa e oração pela paz, porque, como afirma Cuda, “tratava-se de encontrar uma expressão de gratidão e amor ao Papa **Francisco**, que estivesse ao alcance de todas as pessoas e que se refletisse em seus espaços, na rua, nas vias públicas”.

UMA EXPRESSÃO POPULAR E DE RUA

“Curiosamente, [Francisco é] um Papa que sempre nos pede para rezar por ele, [mas] desta vez o povo decide rezar com ele pela paz, rezar junto com o Santo Padre pela paz”, comenta o secretário da PCAL, que sempre manteve contacto com os movimentos populares, detalhando que seu desejo era “expressá-lo na via pública, [porque] eles veem aqueles cartazes nas horas que levam para chegar ao trabalho, e é assim que ajudamos a toda essa expressão popular... aquela paz que tanto almejam”.

Trata-se, pois, “de um belo e enorme presente do povo latino-americano”, sublinha Cuda, “no qual uma vez acolhido o desejo das comunidades das periferias, passamos a somar esforços e sinergias com o apoio da Signis ALC; depois conseguimos a doação dos espaços para a campanha e foi aí que tivemos o link e gratuitamente de diferentes anunciantes da América Latina e Portugal, através da Associação Latino-Americana de Out of Home (ALOOH)”.

O Papa sabia de tudo isso? “Falei com ele sobre esse tema e ele gostou muito. De fato, ele me expressou que seu desejo, neste décimo aniversário de seu pontificado, era que rezemos pela paz junto com ele”, respondeu Cuda, que está convencido de que “Francisco é hoje o líder indiscutível da paz em todo o mundo”.



Diálogo, perdão, justiça restaurativa e reconciliação

A IGREJA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE EMPENHADA EM SER ARTÍFICE DA PAZ

ÁNGEL ALBERTO MORILLO
CENTRO PARA LA COMUNICACIÓN DEL CELAM

A Igreja a serviço da paz foi o nome do Congresso Latino-Americano e Caribenho que o Centro de Formação Bíblica, Teológica e Pastoral (Cebitepal) do Celam organizou de 29 a 31 de março, em Bogotá, para tornar visíveis os esforços nesta matéria, num continente assolado por vários tipos de violência — temporária ou estrutural. Participaram neste evento convidados internacionais como **Adolfo Pérez Esquivel**, argentino e prêmio Nobel da Paz (1980); o jesuíta **Francisco de Roux**, presidente da Comissão da Verdade da Colômbia; e **Emilce Cuda**, secretário da Pontifícia Comissão para a América Latina, entre outros.

Dom **Miguel Cabrejos**, presidente do Celam e arcebispo de Trujillo, em seu discurso, abordou as causas dos conflitos na América Latina: violência estrutural, opressão política, abuso de poder, violação dos direitos das comunidades indígenas. “A Igreja tem-se empenhado em facilitar o diálogo, em mediar a gestão, assumindo um papel de garante”. Portanto, “nossa missão como discípulos missionários é contribuir para a construção do reino de Deus e da sua justiça, para que a paz do Senhor que recebemos como dom seja também uma tarefa pastoral”. Para o prelado, a paz é “uma tarefa missionária, um desafio, um objetivo que exige necessariamente que os nossos corações não tremam, nem sejam covardes, porque o Senhor nos encarrega de humanizar a vida, promover o respeito, o diálogo, a escuta recíproca, ou a imposição, o confronto ou dogmatismo. Somos a região onde se registram as maiores desigualdades sociais e econômicas”. Portanto, “buscar a paz, especialmente a paz que a Igreja promove, é uma tarefa fundamental para continuar sendo um fiador em situações de conflito”.



Participantes do congresso em Bogotá

No documento conclusivo, destacou-se que para construir a paz deve haver “coerência e ligação entre teoria e práxis”, e a necessidade de “uma coesão interna capaz de superar as polarizações da própria Igreja e da demanda por práticas mais conectadas e conjuntas”. Eles garantem que “as causas estruturais dos conflitos no continente” devem ser claramente detectadas para “trabalhar forte e profeticamente sobre os direitos dos povos; visão que contém e supera os direitos humanos”. Inspirados no ensinamento de **Francisco**, eles reforçam “a urgência de promover processos de diálogo. A Igreja é chamada a ser um facilitador natural de diálogo, perdão, justiça restaurativa e reconciliação em todos os momentos e lugares. Eles também enfatizaram a importância de “superar o estado de neutralidade e nos comprometer mais com a dignidade humana” diante “das alegrias, esperanças, dores e gritos de nossos povos que ressoaram no Congresso”. São sementes plantadas “confiando num presente da Igreja que consegue escutar com o coração largo os gritos dos povos que lhe dão vida”. A Igreja, acompanhada pelos seus pastores, mantém-se firme no seu compromisso de ser artífice da paz.



A Ir. Gloria Liliana Franco durante a apresentação de seu livro

A Igreja tem rosto de mulher

EDITORIAL CELAM APRESENTA O ÚLTIMO LIVRO DA IRMÃ GLORIA LILIANA FRANCO

FERNANDO VASQUEZ RODRÍGUEZ
ASSESSOR DO NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO DO CELAM

Com elas: *mulheres consagradas no espírito da sinodalidade* (Editorial Celam, 2022) é o título do livro da presidente da Confederação dos Religiosos da América Latina e Caribe (CLAR), **Gloria Liliana Franco**. Como afirma esta teóloga colombiana na introdução do texto, trata-se de oferecer exemplos de “narrativas concretas” nas quais se pode apreciar o potencial feminino para favorecer e enriquecer as estruturas e dinâmicas dos processos eclesiais. O primeiro capítulo, *Mulheres consagradas na Igreja*, é uma interessante análise e revisão das vocações e uma revisão de algumas ideias dos movimentos feministas e sua “incidência na reivindicação das mulheres na Igreja”. Da mesma forma, o autor analisa o papel das mulheres consagradas na Igreja pós-conciliar, destacando as contribuições de **João XXIII, Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco**. O capítulo termina examinando em detalhes o emparelhamento de mulheres e vida consagrada nas conclusões das cinco Conferências Episcopais Latino-Americanas. O objetivo de todo este capítulo é mostrar que, apesar da

presença real das mulheres consagradas na Igreja, seu papel não foi suficientemente reconhecido nos documentos eclesiais, que suas contribuições teológicas foram tornadas invisíveis ou suas narrativas de serviço e evangelização foram desvalorizadas.

No segundo capítulo, *Sinodalidade e vida consagrada*, ele aprofunda o significado e as particularidades da sinodalidade, especialmente a partir do ensinamento de Francisco. A autora passa várias páginas explicando o papel da vida consagrada feminina em uma perspectiva sinodal e reflete sobre os “três Ps” da sinodalidade da vida consagrada: *pertinência, participação e paciência*. E os “três Is” de um novo impulso à vida consagrada: *interculturalidade, inter-congregacionalidade e itinerância*.

O último capítulo, *Espírito Sinodal, uma história em chave feminina*, mostra dez histórias de vida de mulheres consagradas, com grande capacidade transformadora e que, a partir de sua experiência e de seu “discipulado missionário”, dão conta “da importância da mulher na construção do tecido eclesial”.

‘O Milagre’ chega à Amazônia

AS FREIRAS DA COMPANHIA DE MARIA CHEGAM A IQUITOS PARA “CAMINHAR EM DEFESA DA VIDA”

P. LUIS MIGUEL MODINO
CENTRO PARA LA COMUNICACIÓN DEL CELAM

Uma Igreja de presença na Amazônia é um desafio que o Sínodo para a Amazônia insistiu, um apelo que foi assumido pelas monjas da Companhia de Maria, que se sentiram chamadas por Deus “a estar no seio da Amazônia como irmãs de seu povo, para caminhar com eles em defesa da vida, da terra e das culturas”. A nova missão no Vicariato de Iquitos, na Amazônia peruana, concretizou-se na comunidade ‘El Milagro’, que surgiu “no lugar da humildade, ali onde a única possibilidade é aprender”, nas palavras de **Liliana Franco**, superiora provincial do Pacífico, que convida a permanecer “reverente diante da sacralidade de toda a criação”, pedindo às religiosas: “Tirem os sapatos, como atitude vital que permite alargar o coração em cada encontro e maravilhar-se com o ritmo da vida que corre diferente, pelas veias destes rios, ao som dos cantos das aves destas paragens, na medida em que os passos vão abrindo caminho por estas terras milenares”.

Um convite a ser “a presença e a proximidade amável da Companhia de Maria”, a escutar, a se converter em cada encontro, simplesmente a estender a mão com coração compassivo. Uma missão que faz parte da Rede de Escolas Rurais de Fé e Alegria, de ser companheiras de caminho, irmãs que compartilham a vida, e realizam uma educação inculturada e respeitosa das pessoas, ritmos e processos, que transforma e abre possibilidades de vida.



NO CAMINHO SINODAL

Aquele caminhar sinodalmente, desde a encarnação, por caminhos inéditos, como contemplativos diante de tudo o que foi criado e reverentes diante de tudo o que é humano. E fazê-lo no coração da Amazônia, sentindo fortemente sua presença, principalmente nas pessoas. Uma presença que nasceu “porque a força dos seus sonhos foi maior do que a evidência dos nossos limites e depois”, consequência da “necessidade de renovar a opção por Jesus, numa opção decidida de caminhar ao lado dos mais pobres, levando cuidando da terra e das culturas, de uma profunda e sincera conversão ecológica”.

Uma presença que, apesar da sua fragilidade, “sabemos bem em quem depositamos a nossa confiança e Ele dá-nos coragem, para percorrer caminhos inéditos, com os outros e sustentados pelo dom da fraternidade”. Tudo isso “para fazer a travessia amazônica no ritmo de Deus, contemplando a sacralidade de toda a criação e ouvindo cada pessoa que Deus coloca em nosso caminho”.

Sabendo que “para Deus nada é impossível”, a nova missão faz-lhes sentir “uma grande alegria, porque Deus olha para a sua pequena e frágil Companhia e quer contar conosco para ir mais longe, onde não sabemos, onde só podemos ir pela sua mão”, conclui.



VALERIA LÓPEZ SUBSECRETÁRIA DA
CONFERÊNCIA EPISCOPAL DO CHILE

“Não podemos perder as mulheres nos espaços de decisão”

P. LUIS MIGUEL MODINO
CENTRO PARA LA COMUNICACIÓN DEL CELAM

Mulher, estrangeira, secular, casada... e secretária adjunta da Conferência Episcopal do Chile. Um perfil que até agora não era comum, inclusive possível em espaços eclesiais. Assim é Valeria López, a advogada que ocupa um espaço de alta responsabilidade e poder de decisão na Igreja chilena.

Ser mulher na Igreja e assumir um cargo de responsabilidade continua difícil, “ainda há muitas portas a serem abertas nesta caminhada. Ouvimos ao longo desse processo que estamos passando como Igreja da Sinodalidade, nas etapas de escuta, que a questão da mulher na Igreja é um grito, a participação da mulher na Igreja é um grito. E vemos em nossas paróquias, em nossas comunidades, como a ação pastoral é realmente realizada por um número incrível de mulheres que colocaram suas vidas a serviço da missão da Igreja, mas ainda falta a presença feminina nos espaços de decisão”, diz Lopez.

A mulher, “por ser parte essencial do povo de Deus e também por ter uma missão tão ativa e frutífera, ainda não é vista nos espaços de decisão. Ainda há um caminho a percorrer, mas também houve mudanças nos últimos anos. O Papa Francisco sempre colocou a questão da mulher como fundamental para repensarmos qual é realmente o papel e a vocação da mulher na Igreja”, destaca.

No Chile, “temos um caminho próprio e um processo de discernimento muito particular, desde 2018, com a crise dos abusos sexuais, e lá vimos como também houve reconhecimento e valorização do que é o olhar feminino nesses processos. Tudo o que temos como mulher materna, com o modelo de Maria, também faz nosso olhar para as vítimas de abuso, o tratamento, as boas práticas, o acolhimento, a escuta, até a reparação, como mulheres temos algo muito original e específica para contribuir nisso”, aponta. A partir daí, destaca-se a presença do tema da mulher e o número de mulheres que estiveram presentes na III Assembleia Eclesial Nacional nas comunidades que refletiram sobre os temas que hoje são transversais, algo presente também na Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe, e na etapa continental do Sínodo da Sinodalidade.

UMA FERIDA QUE DÓI

Em relação ao abuso sexual, reconhecendo que pode ocorrer em muitos âmbitos, López insiste que “quando acontece na Igreja é uma dor muito especial, é uma questão que ainda nos dói, ainda há um caminho a percorrer nesse sentido, há muito o que reparar e as mulheres têm desempenhado um papel muito importante. Se

vemos nas dioceses quem se encarrega de ouvir, quem é o rosto da Igreja quando chega uma vítima e temos que escutar o que aconteceu com ela, há muitas mulheres envolvidas nesta tarefa, também em nossas mesas de reparação, em quem desenha e implementa as diretrizes em cada diocese... há muitas mulheres trabalhando nisso”.

Sobre a capacidade de escuta da mulher, ela recorda que “São João Paulo II dizia que a mulher tem o poder de transformar as coisas com o olhar, nós as olhamos de maneira diferente, nem melhor nem pior, mas complementar no Povo de Deus, ao que é o olhar dos homens, para o que é o olhar dos religiosos, do clero”. A partir daí, insiste que “o olhar da mulher tem uma peculiaridade e estamos muito habituados a uma escuta ativa; a mulher tem aquela capacidade de escuta, aquela paciência que, mesmo quando a maternidade não é ativa, como pode ser no caso das religiosas, aquele dom materno, a exemplo de Maria, torna a nossa escuta, a nossa paciência, a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro, a empatia, desenvolve-se de maneira especial neste caminho que estamos aprendendo, porque o caminho sinodal é um processo”. “Começamos ouvindo, depois vem o discernimento, depois aceitamos o que o outro tem a nos dizer e finalmente concordamos. Mulheres, por toda a nossa história no mundo, desenvolvemos essa capacidade de chegar ao consenso. Nós mulheres criamos consenso com os filhos em casa, criamos consenso com o marido, criamos consenso no trabalho, de uma forma particular, que tem a ver com a nossa feminilidade”, afirma.

ORIGINALIDADE FEMININA

A partir daí, Valéria sustenta que “o olhar feminino, em todo caso, ecoa ou dá corpo àquele olhar de Jesus. Não sei se devo chamar de melhor, acho que é uma forma original. O que mais gosto em ser mulher é a originalidade do que a mulher é, na sua visão de mundo, na sua forma de entender o mundo e de transformar as coisas. A riqueza está nessa originalidade e por isso não podemos perder as mulheres nos espaços de decisão da Igreja, porque elas trazem aquele olhar diferente e original”.

Olhando para o futuro, diz estar muito esperançosa, “talvez ainda haja portas a abrir, mas cada passo, por tudo o que significa para trás, por tudo o que significa o caminho percorrido, os esforços, os gritos, cada pequeno passo que tomar é encorajador. Para mim é uma bênção estar realizando este serviço neste momento, chamo de serviço este meu trabalho na Conferência Episcopal, como mulher e como estrangeira, pois também sou estrangeira no Chile”.

Valéria sente-se parte “daqueles que talvez fiquem um pouco fora, como um pouco além dos limites, das margens: há estrangeiros, há mulheres. Sinto que essas duas características se unem em mim e tendo a possibilidade de acompanhar o trabalho, o serviço pastoral dos bispos na Conferência Episcopal, acredito muito que para as mulheres na Igreja é um pequeno passo, mas tudo o que significa quando olhar para trás tem muito valor, e me sinto muito responsável por isso também, sinto muito empenho por isso”.



A Assembleia do Cone Sul comemorou o Dia da Mulher durante sua reunião

O imparável Amador Pérez

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

No dicionário de Amador Pérez López não existe o termo exclusão. Ele tinha 14 anos quando sofreu um acidente no qual perdeu a mobilidade nas pernas e ficou em uma cadeira de rodas. Sua condição não foi obstáculo para alcançar cargos de alta responsabilidade: é presidente do Conselho Diocesano de Leigos da Diocese de Tehuacán, em sua terra natal, Puebla, e participou da Assembleia Regional do Sínodo da América Central e México, durante a fase continental.

Uma vida, claro, cheia de altos e baixos, como confessa. Do adolescente deprimido, apenas a lembrança. Hoje é um homem casado — está casado há 20 anos —, pertence à Renovação Carismática desde que “Deus tocou meu coração, aliás, antes de estar com os católicos, enquanto estava prostrado, fui visitado por evangélicos, mórmons, até mesmo as testemunhas de Jeová. Tudo começou como um hobby para sair da rotina. Estela Benítez, coordenadora da Renovação Carismática, me convidou para um Pentecostes”.

A partir de então começou como monitor na paróquia San José Obrero, aos poucos foi assumindo maiores responsabilidades, como catequista, leigo, etc.: “Um dia um irmão me disse: ‘Padre Juan Antonio Pérez quer falar com você e ele é o conselheiro da Renovação Carismática’. Ele me oferece o cargo de coordenador paroquial da área laical da comunidade”. Assim chega à coordenação diocesana. Estar na Fase Continental do Sínodo “me surpreendeu, mas eu disse: ‘sabe Deus o porquê’”. E, de fato, Amador deu um rosto concreto àquela frase do Papa Francisco: “Uma Igreja onde cabem todos”. Aos 58 anos, ele olha para trás e diz que sua frase preferida é “siga sempre em frente”, pois o limite é “você mesmo, e quando a gente tem muita fé em Deus, o resto vem por acréscimo”. E vai mais longe, disso não tem dúvidas.

